

Blocos Carnavalescos Mistos e as relações de gênero na folia das ruas do Recife na década de 1920

Juliana Dias Palmeira¹

Resumo: O texto aborda o carnaval de rua da cidade do Recife na década de 1920 por meio dos Blocos Carnavalescos Mistos, modalidade de agremiação que começa a se propagar nesta década e que possui em sua formação tanto homens como mulheres. Utilizando a categoria de gênero, busca-se, a partir de informações veiculadas nos periódicos impressos da época, analisar as representações e as práticas desses foliões e folionas na festa, e observar também como essas construções históricas estão relacionadas as experiências contemporâneas.

Palavras-chave: Blocos Carnavalescos Mistos; Gênero; Recife.

Tomando o carnaval da cidade do Recife como recorte, percebe-se que este, no decorrer do tempo, foi modificando-se, aderindo à outras formas de “brincar” e ocupando novos espaços na cidade.

Michel de Certeau conceitua o espaço como “um lugar praticado” onde “é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (CERTEAU, 2009, p. 184). Sendo assim, toma-se nesse texto o carnaval como prática, como uso dos espaços da cidade, que se transforma de acordo com as circunstâncias.

O carnaval atravessou o oceano e se instalou na forma de Entrudo através dos portugueses na época da colonização. A partir dos experimentos de higienização e modernização dos espaços da cidade do Recife, adotou-se o carnaval europeu realizado em clubes e em teatros e proibiu-se o Entrudo. Porém, essas tentativas não abalaram os brincantes populares, que não se intimidaram diante das pressões, criando outras alternativas de brinquedo, como por exemplo os Clubes Pedestres. Em reação a este carnaval de rua dos Clubes Pedestres, aparecem os Clubes de Alegorias e Críticas e o Corso. E dessa forma,

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura Regional da UFRPE sob a orientação do Dr. Ricardo de Aguiar Pacheco, bolsista CAPES, e integrante do Laboratório de Estudos sobre o Patrimônio Cultural e Memória Social – LEPAM. (E-mail: julianadias.pesquisa@hotmail.com)

outras modalidades vão aparecendo, e a festa carnavalesca continuava a se transformar e a adquirir novas formas².

O carnaval deve ser tomado como uma manifestação social e histórica onde as relações se dão de maneiras intensamente diversificadas a partir dos símbolos e imaginários que cercam a festa. São múltiplos os sentidos, onde para cada espaço e grupo social ele tem um significado, diluindo assim uma concepção de essência única do carnaval. Para Jacques Heers a festa carnavalesca “não se dissocia nunca de um contexto social que a segrega, lhe impõe os seus impulsos e as suas máscaras” (HEERS, 1987, p. 26). Por isso não se pode negar a sua historicidade e nem ignorar suas singularidades, lembrando sempre de sua extensão cotidiana, no qual os grupos criam suas representações e reinventam práticas.

Os Blocos Mistos: ocupando um espaço no carnaval do Recife e possibilitando a participação das mulheres junto aos homens na folia

Na cidade do Recife³ durante a década de 1920, o carnaval já se encontrava bastante diversificado, sendo várias as opções de brincar o carnaval na rua. O velho Entrudo, apesar de ser repudiado e até proibido por ir de encontro aos parâmetros da modernidade do período, sobrevivia nas práticas do jogo de confetes, serpentinas e lança-perfumes, objetos de uso recorrente nessa época.

Esses resquícios “modernizados” do Entrudo fazia a alegria dos carnavais na cidade junto aos grandes bailes carnavalescos; à prática do corso; ou ainda, às diversas

² Para aprofundamento do carnaval do Recife em suas variadas formas, ver: ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **Festas: máscaras do tempo**: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1996; BEZERRA, Amílcar Almeida; SILVA, Lucas Victor. **Evoluções**: histórias de bloco e de saudade. Recife: Bagaço, 2006; RABELLO, Evandro. **Memórias da Folia**: o carnaval do Recife pelos olhos da imprensa: (1822-1925). Recife: Funcultura, 2004; REAL, Katarina. **O Folclore no Carnaval do Recife**. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990; SANTOS, Mário Ribeiro dos. **Trombones, Tambores, Repiques e Ganzás**: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco – Recife: 2010; SILVA, Claudilene; SOUZA, Ester Monteiro. **Sem elas não haveria carnaval**: mulheres do carnaval do Recife. Recife: Fundação de Cultura do Recife, 2011.

³ Para aprofundamento do conhecimento sobre a cidade do Recife na década de 1920, ver: BARROS, Manuel Souza. **A década 20 em Pernambuco**: uma interpretação. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985; BARROS, Natália. REZENDE, Antônio; SILVA, Jailson (org.). **Os anos 1920**: histórias de um tempo. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2012; COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade**: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920. Tese doutorado em História. Recife: UFPE, 2003; REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)encantos Modernos**: História da Cidade do Recife na Década de Vinte. Recife: FUNDARPE, 1997. E para conhecer o processo de modernização da cidade do Recife nos fins século XIX, ver: ARRAIS, Raimundo. **O pântano e o riacho**: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004 e FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcado brasileiro e desenvolvimento do urbano. 15 ed. rev. São Paulo: Global, 2004.

agregações como, os caboclinhos, as troças, os maracatus, os clubes pedestres, os clubes de alegorias e críticas. E mesmo com essa diversidade de alternativas para festejar o Deus Momo, a prática carnavalesca continuava a apresentar transformações, revelando cada vez mais a inventividade dos foliões e folionas.

Na mídia impressa da década de 1920 é possível perceber a divulgação dos chamados Blocos Carnavalescos Mistos, ou Blocos Mistos, e as vezes, simplesmente Blocos, que se tratavam de uma nova modalidade de agregação carnavalesca que veio concorrer com essas outras maneiras de brincar.

O adjetivo “Mistos” é usado para caracterizar a participação de homens e mulheres na agregação unidos sob o mesmo interesse: ocupar as ruas da cidade durante o carnaval. Esse uso tornou-se necessário para diferenciar esse tipo de agregação daquelas que eram exclusivamente masculinas, podendo ser considerado como um reflexo da ampliação da atuação das mulheres nos espaços da cidade. Sendo assim, a categoria de gênero torna-se útil para a análise como afirma Scott (1995) uma vez que tem-se participação de homens e mulheres. Ainda que estas tenham um maior destaque na narrativa não se deve ignorar as relações mantidas com os integrantes masculinos, que também possuem seu lugar no grupo.

A partir do século XXI, essas agregações foram nomeadas por Blocos Carnavalescos Líricos, pois, segundo Vila Nova (2006), o termo “Misto” deixou de ser necessário uma vez que as barreiras que impediam uma livre participação das mulheres na festa se desmancharam. Vila Nova (2006) ainda comenta que o termo “Lírico” se encaixava de forma mais atraente às temáticas poéticas, saudosistas e românticas, que eram propostas por esses blocos, tanto na década de vinte como das gerações mais recentes.

Nos textos de Ruy Duarte (1968) e Leonardo Dantas Silva (1998) encontram-se informações sobre os Blocos Mistos como criados na década de 1920, sendo o Bloco das Flores Brancas o seu precursor, que mais tarde passou a nomear-se apenas Bloco das Flores. Nessa mesma década vários Blocos Mistos surgiram, como: o Batutas da Boa Vista, Apôis Fum, Andaluzas em Folia, Madeira do Rosarinho, Inocentes do Rosarinho, Bloco Concórdia, Bloco Um dia só, entre outros.

Silva (1998) retorna ainda mais no tempo e aponta a existência, no carnaval do Recife, da agregação Caninha Verde como possuidora de características semelhantes aos blocos da década de vinte.

Além dos clubes pedestres, responsáveis por aquilo que veio a ser chamado de frevo, exibiam-se também conjuntos acompanhados de rabecas, violinos, violas, violões, flautas, a exemplo do Caninha Verde, numa estrutura

semelhante aos Blocos Carnavalescos dos anos vinte deste século. [...] O clube da Caninha Verde, o mais antigo ancestral do nosso bloco carnavalesco (SILVA, 1998, p. 14).

Silva (1998) indica como características semelhantes entre o Bloco Caninha Verde, da década final do século XIX, e os Blocos Mistos dos anos vinte os tipos de instrumentos musicais utilizados, o estilo de fantasias, a presença de homens e mulheres brincando juntos.

Partindo para as características dos Blocos Mistos, quanto à questão musical e instrumental dessas agremiações, Silva observa que

Já afeito às jornadas dos presepes, o elemento feminino formava o coral do bloco, enquanto os homens encarregavam-se da orquestra, bem típica dos saraus e serenatas de então, formada por violões, violinos, violas, cavaquinhos, bandolins, banjos, flautas, clarinetes, gaitas de boca (realejos), saxofones, contrabaixos, bombardinos, pandeiro, ganzá, reco-reco, surdo e caixa-clara (tarol). Tal estrutura de conjunto, onde predominam as cordas, madeiras e palhetas, veio a ser denominada popularmente de orquestra de pau e cordas (SILVA, 2000, 136).

Os Blocos Mistos em sua composição primária se assemelhavam aos Ranchos de Reis e Pastoris, e essas celebrações do ciclo natalino influenciaram esses blocos quanto a utilização dos instrumentos de pau e cordas, e a organização das funções exercidas por homens e mulheres: eles tocam os instrumentos e elas entoavam as canções.

Seguindo essa organização, durante o carnaval, as orquestras dos Blocos Mistos executavam os ritmos que estavam em voga na década de 1920, como polcas, maxixes, e também as marchas carnavalescas. Essas marchas carnavalescas, com o aprimoramento das orquestras passaram a serem compostas por e para cada Bloco Misto.

É só na década de 1930 com a classificação dos tipos de frevo, que nomeia-se como Frevo do Bloco a música que vinha sendo produzida por esses blocos de pau e corda. Tratava-se de uma música cujo ritmo era lento, e as letras moderadas e elegantes. Segundo Oliveira (1971), o Frevo de Bloco, ou a Marcha de Bloco”

Resulta mais ingênua, mais singela, mais sentimental. Até na letra, à qual não se aplicam certas licenças, comuns, até necessárias, ao condimento do frevo-canção. Ainda hoje, os blocos, já de orquestra enxertada de metais, mantêm o caráter de sua música e estão longe de fazer concessões ao *passo*, cuja presença, em sua estrutura, é, por assim dizer, proibida. De resto, o passista não encontra clima para expandir-se, nos blocos (OLIVEIRA, 1971, p.36).

Nessa classificação do frevo em 1930, junto com o Frevo de Bloco, aparece o Frevo Canção, que possui uma introdução orquestral seguida por uma letra e o Frevo de Rua, praticado pelos clubes pedestres e troças apenas com instrumentos. O frevo de Rua, não era permitido e nem possível de ser realizado pelas orquestras dos Blocos Mistos. Já os Blocos Líricos, pertencentes às gerações mais recentes de blocos de pau e cordas, conseguiram fazer uso dos instrumentos de metais, sem alterar a melodia sentimental e o ritmo calmo.

Os movimentos dos foliões executados nesses Frevos de Blocos correspondiam à moderação desse ritmo e a elegância das letras. Silva (2000) comenta que nos Blocos Mistos,

na sua coreografia não se registram passos do frevo, comuns nos clubes e troças, mas tão somente movimentos bem típicos das apresentações dos cordões azul e encarnado, quando da encenação das jornadas nos pastoris do ciclo natalino (SILVA, 2000, p. 173).

E sobre as características dos movimentos dos Blocos Mistos, Oliveira (1971) complementa:

O que grandemente diferencia, dos clubes-de-rua e das troças, os blocos, é a composição musical de que se servem, todas cantadas, servindo a introdução, simples e alígera, para evoluções da enfeitada vanguarda do cortejo, sem nada, todavia, que lembre o passo. A dança se assemelha, antes, à das "pastoras", não lhe faltando uma certa e ingênua poesia (...) (OLIVEIRA, 1971, p. 20).

Segundo Bezerra (2005), “evoluções” era a forma em que os foliões acompanhavam o ritmo do Frevo de Bloco. As “evoluções” se caracterizavam pelo movimento circular dos corpos, e sua suavidade estava em oposição à força e à velocidade do “passo”, movimento característico do Frevo de Rua. Essa característica faz-se presente nos Blocos Líricos atuais, é comum observar na passagem dessas agremiações nas ruas da cidade senhoras que rodopiam elegantemente em seus trajes ornados com luxo e brilho.

Quanto às fantasias, em seus períodos iniciais, Silva (2000) relata que:

O grupo vinha às ruas trajando a mesma fantasia, por vezes vestidos e camisas estampadas de um mesmo tecido, chapéus de palha para os homens e flores nas cabeças das mulheres, tendo na abertura um artístico cartaz, em forma de grande leque aberto a “decupage”, depois denominado de flabelo, onde aparecia vazado o nome da agremiação (SILVA, 2000, p.136).

Com o passar dos anos, as fantasias mais simples davam espaço às fantasias mais elaboradas, e que também estavam em voga na época. Na nota do Jornal do Recife: “Em nossa redação esteve ontem, à noite, o succulento bloco “Brinca quem pode”, composto de muitos rapazes e senhoritas, que trajavam Pierrot verde-preto” (Jornal do Recife – Terça, 08 de Fevereiro de 1921, nº38, p.1); ou na do Jornal A Província:

Não há dúvida que a nota chic do carnaval deste ano será dada pelo bloco “Estou indagando”, composto de 100 senhoritas e 100 rapazes, da nossa sociedade. O elemento feminino exibir-se-á vestido de “Columbina” e o masculino de “Pierrot”, sendo as cores escolhidas o branco e o preto (A Província – Sexta, 14 de Janeiro de 1921, nº13, p.1).

Percebe-se nessas notas o uso de fantasias das personagens da *Commedia dell'Arte*, os Pierrôs e as Columbinas, que segundo Araújo (2005) influenciaram o carnaval pernambucano, e principalmente os Blocos Mistos devido à proposta poética da agremiação.

O desfile iniciava-se com o flabelo, que consistia em uma bandeira decorada, em formato de leque, com o nome e o símbolo do Bloco Misto. E está presente nos dias atuais, abrindo alas para o bloco anunciando o seu nome e a data de sua fundação. A tarefa de conduzi-lo com graça e leveza cabia a uma das mulheres. E seguindo o desfile, depois do Flabelo, vinham as pastoras entoando as canções do bloco, acompanhadas dos rapazes que compunham a orquestra, e que também tinham a função de fazer a segurança das senhoritas e das senhoras.

Os Blocos Mistos, além de desfilarem pelas ruas cercado pelo cordão de isolamento masculino, também utilizavam-se caminhões ornamentados para se exibirem nas ruas da cidade:

Exibiu-se com galhardia, no dia de ontem, o bem organizado bloco carnavalesco “É o suco”, de que fazem parte distintos rapazes e senhoritas. O Bloco “É o suco” percorreu as ruas num artístico caminhão, parando em frente a nossa redação, para onde jogou vários gettonis” (...)” (Jornal do Recife – Terça, 08 de Fevereiro de 1921, nº38, p.1).

Nessa nota do Jornal do Recife, é possível observar também a relação que esses blocos tem com a imprensa do Recife. São muitas as notícias de Blocos Mistos que visitam as redações e sede dos jornais da época. Também é grande a troca de elogios entre as instituições. Os jornais, em vários momentos estão a exaltar a qualidade dos Blocos e agradecer as “gentilezas”, e em contrapartida os colunistas são convidados ou homenageados pelos Blocos. A Província, por exemplo, noticia uma grande festa em homenagem a imprensa realizada pelo Bloco A pois Fum no ano 1923 que deixa o colunista bastante impressionado:

“APOIS FUM” a importante festa dedicada a imprensa.
Foi um verdadeiro acontecimento, uma coisa nunca vista nos anais carnavalescos, a festa ontem oferecida pelo corretíssimo e garboso **Bloco A pois Fum**, aos representantes da imprensa.
A soleníssima cerimônia realizou-se na praça da Independência, em frente ao **Salão Elite** do Raymundo Silva, a principal figura marchante do **A pois**

Fum. A fina sociedade recifense estava ali representada pelos seus membros mais proeminentes.

A orquestra composta pelos melhores elementos da arte musical pernambucana, estava impecável. As canções nem convém falar. Empolgavam tal a beleza da letra. (A Província, Sexta, 9 de fevereiro e 1923, nº 33, p.1).

Ver-se então um apoio a esse tipo de manifestação carnavalesca nas ruas da cidade, que talvez tenha se popularizado mais pela visão positiva expressa nesses jornais, que realmente pela folia.

É comum encontrar textos em que os Blocos Mistos são narrados como oriundos das chamadas camadas médias da população recifense, residentes nos bairros centrais de Recife, como São José, Santo Antônio e Boa Vista, que

Acabaram por organizar-se famílias inteiras, pais com suas filhas, maridos com suas esposas, namorados e namoradas, todos pertencentes à classe média, moradora em bairros burgueses, gente a quem não agradava o rojão do frevo, nem mistura com o povo (OLIVEIRA, 1971, p. 18).

O motivo indicado para sua formação é a questão financeira dessas famílias pertencentes a seguimentos sociais médios que não tinham condições de participar dos luxuosos bailes carnavalescos nos clubes e nos salões do Recife, e que ao mesmo tempo não desejavam se misturar aos outros segmentos dentro do dito “frevo doido” dos clubes pedestres.

Porém na imprensa⁴ da época não se observou o uso desses termos “burguesia” ou “classe média” para caracterizar os indivíduos que compunham o Bloco Misto. Percebe-se o uso de termos como “distintos”, “destaque social”, ou ainda, “elite social” para indicar quem eram as senhorinhas e os rapazes que participavam desse tipo de agremiação. Cujas funções era dá a “nota chic” ao carnaval da cidade. Nem se observou uma limitação de formação desses Blocos Mistos aos bairros centrais da cidade, pelo contrário, percebeu-se a formação de muitos deles nos arrabaldes do Recife, e até em outras cidades como Olinda e Jaboatão.

Considerando o contexto em que esses Blocos Mistos se popularizaram é possível identificar os motivos de tais representações. O carnaval, quando tomado como festa da confraternização universal é visto como momento de união, onde pessoas de várias categorias são postas como iguais sob o reinado de Momo para celebrar a alegria e o riso. No carnaval tem-se a impressão de que tudo parece ser possível, e que todas as barreiras sociais são destruídas. No caso brasileiro, essa universalidade do carnaval, que é capaz de produzir uma

⁴ Os periódicos que serviram de base para a pesquisa, no recorte temporal de 1920 a 1929, foram: o Diário de Pernambuco, o Jornal do Comércio, o Jornal do Recife, A Província (PE) e o Jornal Pequeno.

integração social, tornou-o símbolo ideal para representação de uma identidade nacional. Nos anos vinte é perceptível a necessidade da busca por uma identidade regional e nacional por parte dos intelectuais. Esses intelectuais encontraram no carnaval, enquanto manifestação popular, a fonte inspiradora para tal criação. Assim, nos jornais da época, o carnaval é abordado, ano após ano, com entusiasmo e intensidade. Porém o discurso só era positivo quando queria exaltar um comportamento adequado aos novos preceitos da modernidade.

E é nesse cenário que encontra-se o Bloco Misto, agremiação que fornece à população um modelo primoroso de brincar o carnaval, aos olhos desses intelectuais.

Os blocos nasceram sob o signo da ordem e do apoio de intelectuais, da polícia e foram aplaudidos como um contraponto ao carnaval dito perigoso dos clubes pedestres e maracatus considerados responsáveis pela criminalidade, desordem da folia e não adequados à imagem civilizada que os homens das letras da nascente República tentavam construir para o país (BEZERRA, 2005, p. 79).

No Recife, que entrava na corrida pelo progresso, fazia-se necessário alterar os costumes que iam de encontro às ideias de disciplinamento e higienização social, inclusive o carnaval. Essa foi uma estratégia que culminou com a criação, em 1935, da Federação Carnavalesca de Pernambuco que, com o estabelecimento do Estado Novo, tomou atitudes rígidas em relação ao brinqueado da rua. É na ordem e no progresso que se embasa os Blocos Mistos, responsáveis pela elegância e beleza do carnaval “recatado” das ruas. Nos jornais é comum encontrar notas como esta:

(...) O Bloco das Flores dispõe de cantos maviosos e marchas belíssimas. Quem assiste aos seus ensaios, ouvindo a sua suculenta orquestra sob a batuta do Maestro Osório Araújo, sentirá, certamente, crescer o entusiasmo, porque, efetivamente, o Bloco Flores, tem sabido mostrar seu valor e manter a linha carnavalesca.

Em residência do coronel Pedro Salgado, esforçado presidente do aludido Bloco, à rua imperial n. 365, terá lugar hoje, às 20 horas, mais um ensaio (...) (Jornal do Comércio – Sexta, 19 de Janeiro de 1923, nº15 p.3).

Nesta notícia do Jornal do Comércio é possível perceber o uso de adjetivos como “mavioso” e “belíssimas” para caracterizar a música do Bloco Misto de forma positiva. Na expressão “manter a linha carnavalesca” considerando o contexto da disciplinarização do carnaval percebe-se a propagação da necessidade de ordenar a festa proveniente dos discursos de progresso e modernização da cidade. Dessa forma, os Blocos Mistos foram apresentados, como criadores de um “novo” carnaval, em oposição aquele dito como “sujo” e “parvo” feito pelo “populacho”.

Assim, pode-se entender que a formação dos Blocos Mistos está mais relacionada à um padrão de moralidade e civilidade, que propriamente à uma camada econômica da sociedade.

Um dos recursos para tal ação “civilizadora” é presença da família, e das mulheres nos Blocos Mistos. Nessas literaturas tradicionais sobre o carnaval, e mesmo nas matérias dos jornais, se destaca a “origem familiar” dessas agremiações - lembrando da influência dos ranchos familiares – e a possibilidade de participação feminina desde que sob a vigilância dos pais.

(...) Dava-lhes novos aspectos de encanto e vivacidade os grandes ranchos de senhoritas, que ao som de hinos e canções deliciosas percorriam a cidade; os blocos de família ocupando caminhões lindamente ornamentados; o gesto das fantasias e em tudo uma nota de distinção, de beleza e finura. Entre os ranchos organizados caprichosamente, merecem elogios, [...] Bloco das Flores com grande número de distintas senhoritas de São José; Andalusas em folia, também formada de senhoritas entoando cantigas e modinhas. [...] (Jornal Pequeno – Quinta, 02 de março de 1922, n°49, p.2).

Nesta notícia do Jornal Pequeno ver-se anunciada a presença de mulheres “distintas”, nos “blocos de família”, que conferiam ao carnaval do Recife “distinção”, “beleza” e “finura”, uma oposição ao carnaval rude. E entre emoção e a vigilância, Valdemar de Oliveira relata:

As primeiras exibições dos blocos foram comoventes, dou meu testemunho. Adiante da orquestra de "pau e corda", sem nenhum metal, ia o numeroso elenco feminino — crianças, jovens, vitalinas, matronas — a quem se entregava, especialmente, a parte coral. Formavam um círculo fechado, inexpugnável, que nenhum engraçado teria coragem de furar, porque logo atrás iam pais, maridos, irmãos, com seus violões, violinos, cavaquinhos, bandolins, (...) (OLIVEIRA, 1971, p.18).

No relato, Oliveira narra as características dos Blocos, e frisa a ação vigilante e protetora dos homens para com suas mulheres. Pode-se depreender do texto que há uma função definida para homens e mulheres: estas eram o símbolo de leveza e elegância da festa; enquanto aqueles, eram os vigilantes, com a função de proteger e isolar essas moças dos “maus caminhos”. Assim, os Blocos Mistos parecem assegurar a reprodução de papéis que seriam específicos de homens e de mulheres.

Contudo, Silva (2000) narra que os Blocos Mistos apresentam um dado sociológico inovador:

proporcionar condições ao elemento feminino de participar do carnaval das ruas centrais do Recife, protegido da mistura da massa que acompanhava os clubes e troças. Era formado geralmente por moças e senhoras da chamada

pequena burguesia que, não podendo participar dos bailes dos Club Internacional ou do Jóquei Club, então privilégio das elites, saíam às ruas protegidas por um cordão de isolamento, envolvendo todo o grupo e separando-o da multidão, sob a severa vigilância de pais, maridos, irmãos, noivos, genros e amigos (SILVA, 2000, 136).

A formação dos Blocos Mistos não representa a única entrada das mulheres na festa e na rua, posto que, em outros tipos de agremiações e em outros setores sociais, elas estavam presentes. O adjetivo inovador fica por conta da ideia de legitimação da participação feminina nas ruas da cidade segundo os padrões de moralidades impostos na época, que de certa forma obedecia às noções de progresso que pairava na cidade devido às modernizações.

Tanto nos Blocos Líricos da atualidade, como nos Blocos Mistos da década de 1920, as mulheres aparecem como sendo personagens importantes da agremiação. E quando foca-se o olhar nessa participação das mulheres no carnaval nos anos vinte é possível perceber como os valores adquiridos com a modernidade e seu ideal de progresso, em conflito com a permanência de tradições, interfere nas práticas e nos usos da cidade.

Na nota seguinte, do Jornal A província encontra-se mais uma vez a presença das “famílias” na festa, na “residência de seu presidente”:

Mais um ensaio realizou, ontem, em residência de seu presidente, o distinto folião coronel Pedro Salgado, a avenida Lima Castro, o apreciado “Bloco das Flores”. O acerto de marcha ocorreu adubado. Estiveram presente, inúmeras famílias, trazendo todas magníficas impressões do ensaio” [...] (A Província – Quarta, 17 de Janeiro de 1923, nº 13, p. 1).

Os ensaios acontecem nas sedes dos blocos que em sua maioria são as residências de seus presidentes. A residência conota uma ideia de âmbito familiar, o que atrai essas famílias a participarem da agremiação. Porém os Blocos Mistos são agremiações carnavalescas de rua, então, levando consigo essas noções de ordem e de “distinção”, ao término de ensaios e reuniões, e nos dias de carnaval, essas agremiações saíam pelas ruas em seus desfiles e visitas,

Gettoni agradece na pessoa de seu presidente o Sr. Pedro Salgado, a gentileza da visita a nossa redação ontem. Na visita que nos fez esse simpatizado bloco foi executado o choro A província de autoria do prof. Osório Araújo. A senhorita Olivia Salgado, gentil filha do presidente do bloco pede aos clubes e blocos a gentileza de incluírem no seu itinerário a Praça do Muniz, trecho Campina do Bodé (A Província – Sábado, 25 de fevereiro de 1922, nº 48, p. 2).

Nessa nota, a “gentil filha” do presidente da agremiação está junto ao pai nos trajetos e visitas executados pelo bloco. O que pode-se também observar, para além da

presença familiar, é um movimento, uma ação por parte da mulher, a “gentil” Olivia Salgado. Não é o presidente, ou qualquer outro sócio, que faz o pedido de inclusão da “Praça Muniz” – posteriormente Praça Sérgio Loreto - no itinerário dos blocos e clubes. Quem realiza a ação é a própria Olivia. O interesse aqui não é descobrir quais as razões desse pedido, e talvez não tenha como saber se esse pedido partiu da vontade de Olivia ou da vontade do pai, Pedro Salgado. Pode ter sido um desejo comungado por todos do Bloco. Porém, o que ai está implícito é a imagem de uma mulher como porta-voz do bloco, uma mulher que possui fala em frente aos outros membros da agremiação. Ou seja, uma mulher que possui um lugar de liderança.

Nos jornais, nas notícias referentes aos Blocos Mistos elas aparecem ao lado de adjetivos: “elegantes”, “belas”, “distintas”, todos reforçando uma representação positiva do feminino, bem como uma representação positiva dos próprios blocos. Nesses mesmos jornais também é possível perceber alguns traços de suas práticas.

Mesmo em poucas frases, e muitas vezes sem serem nomeadas, nota-se algumas atividades de mulheres nos Blocos Mistos. As notícias “Bloco Andaluzas em Folia - Na próxima sexta feira as meninas da Espanha farão o seu primeiro ensaio de couro e cabelo, executando lindos fados e castanholas” (Jornal do Recife – Quinta, 18 de Janeiro de 1923, p.5), e “Bloco Batutas da Boa Vista - A orquestra é grande, estando bem como o coro feminino, bem ensaiada” (A Província, Quarta, 09 de Fevereiro de 1927, p. 5), mostram casos de mulheres que tem um papel a cumprir dentro bloco: emprestar suas vozes para entoar os cantos. Para participar de um coral era preciso dedicação, ensaios, conhecimento acerca do funcionamento de uma orquestra, e outras competências. Mesmo sendo esses ensaios, muitas vezes, abertos aos sócios ou ao público em geral, acontecendo de forma divertida e animada, havia um compromisso com a agremiação e um papel a ser cumprido. Dever que não as impediam de aproveitarem-se desses espaços e das oportunidades de sociabilidades e exposições.

Na diretoria das agremiações elas também estavam presentes. Alguns Blocos Mistos exibiam nos jornais os resultados das eleições que nomeavam a diretoria, a diretoria de honra, e uma diretoria feminina, como por exemplo, os Blocos Príncipe dos Príncipes, Bloco das Neves, Dois Contigo, Um dia só, e Magnólia.

BLOCO CARNAVALSCO MIXTO “UM DIA SÓ” – Efetuou-se, domingo último, a eleição da diretoria feminina do bloco carnavalesco “Um dia só”, sendo verificado o seguinte resultado:

Presidente, d. Ambrosina de Carvalho; vice-presidente, Mariasinha Calazans; oradora, Alayde Tasso; vice-oradora, Aurea Regis; tesoureira,

Esther Bezerra; vice-tesoureira, Elisabeth Carvalho; 1ª secretária, Helena Nunes; 2ª secretária, Vidalina Mendes; fiscal, Noemia Regis; procuradora, Julieta Alves.

Após a eleição, teve lugar a posse, usando da palavra a oradora que, em seu nome e no das suas companheiras, agradeceu as associadas a prova da confiança que lhes dispensaram.

O professor José Calazans saudou a imprensa pernambucana representada pelo “Diário de Pernambuco”, na pessoa de um de seus auxiliares, presente à sessão.

A Diretoria eleita fez servir aos presentes um modesto copo d’água trocando-se nessa ocasião vários brindes entre a diretoria feminina e masculina e os convidados (Diário de Pernambuco – Quarta, 14 de Janeiro de 1925, p.3).

Nesta nota do Diário de Pernambuco vê-se a divulgação do resultado da eleição de uma diretoria feminina para o Bloco Misto Um dia Só. A publicação dessa eleição e a presença da imprensa na ocasião são indícios de uma legitimação da importância feminina dentro desse Bloco Misto.

E mesmo que não houvesse mulheres em tarefa oficial dentro dos Blocos Mistos, sua presença enquanto brincante também era notada. O Bloco Um dia Só teve a seguinte nota publicada:

Este apreciado bloco da Torre realizará hoje as 16 horas, na residência do sócio Mario Teixeira à rua Lírica em Zumbi um retumbante ensaio, que pela animação dos foliões e folieiras do bloco, e pelo carrapicho da orquestra, promete revolucionar a zona carnavalesca da Torre, Magdalena e Zumbi (A Província – Terça, 10 de fevereiro de 1925, nº 34, p.5).

Nessa nota o colunista faz referência as “folieiras”. O que torna a notícia significativa é a razão que levou o colunista a evidenciar esse grupo de mulheres separado dos “foliões”, quando sabe-se que é comum fazer generalizações masculinas quando se tem um grupo misto. Isso vem corroborar que a participação efetiva feminina estava se fortificando, e adquirindo legitimidade uma vez que são notadas e citadas.

Um caso interessante sobre ação feminina publicada no jornal, especificadamente em A Província, é uma nota que apresenta um texto assinado por “Diversas senhoritas da Boa Vista” cujo conteúdo faz menção ao desapontamento delas em relação ao Bloco Batutas da Boa Vista, e possui a pretensão de fazer um pedido:

UM PEDIDO AO BATUTAS DA BOA VISTA – escrevem-nos: Amigo Gettoni “A província” - nossos saudaes. Existe nesse bairro um bloco carnavalesco denominado Batutas da Boa Vista. Esse mesmo bloco, que é composto de rapazes do nosso melhor meio social, quase sempre, após as suas reuniões, saía em passeata, percorrendo algumas ruas da Boa Vista, muito especialmente as ruas São Gonçalo e Santa Cruz, nos deleitando com

a sua bem confeccionada orquestra. Ultimamente porém, sem sabermos porque, deixou esse mesmo Bloco de efetuar a sua costumeira serenata neste bairro, indo faze-la, entretanto, por outros lugares fora da Boa Vista. Nós, por esse motivo, conspiradas com a ingratidão dos Batutas, pedimos ao nosso amigo Gettoni, interceda ante aquele bloco, afim de que o mesmo, antes de deixar nosso querido bairro, execute algumas peças, como dantes fazia, para a satisfação das senhoritas residentes na Boa Vista e que se orgulham tanto de seu Bloco. Confiadas na publicação deste, somos Gettoni amigo, sinceras admiradoras. Diversas senhoritas da Boa Vista. (A Província. 08/02/1922, Quarta-feira - p. 2).

Ao que na seguinte semana é publicada a nota:

Após a reunião os Batutas realizaram-se seu 9º ensaio de cantorias dedicado as senhoritas da Boa Vista. Aguardando sua passagem pela rua de Santa Cruz achavam-se numerosas senhoritas que receberam os Batutas com uma salva de palmas, jogando confete, gettoni e serpentinas, tendo ainda o bloco na sua passagem por outras ruas recebido também manifestações de simpatia (A Província. 16.02.1922, Quinta feita - p. 2).

Mais que a voz feminina, que é ouvida; que faz um pedido, e é acatado, esse acontecimento se traduz por um exemplo das astúcias dessas “senhoritas”. Ao perceberem que poderiam ter seu momento de lazer afastado não tardaram a reagir. Observem que, segundo os relatos delas na carta de pedido, a festa na agremiação acontecia praticamente em frente de suas casas. Era uma oportunidade ideal para ter acesso às ruas, possibilidades de lazer e sociabilidade, que pela proximidade com o lar, não teriam pais, irmãos, maridos ou namorados que pudessem encontrar impedimentos para que elas brincassem o carnaval. Já para as solteiras, além de perderem a folia acontecendo em frente as suas portas, o que já facilitava a entrada na brincadeira, viram o afastamento dos rapazes do “melhor meio social”. Para elas seria lastimável deixar escapar as oportunidades de casamento com tão bons partidos, ou menos ainda, perder a ocasião de conquistas efêmeras que virariam histórias de carnavais segredadas às amigas. Então, operando com as ferramentas que possuíam, a máquina de datilografar por exemplo, objeto tão presente nos classificados da época, não demoraram a enviar o tal texto cheio de lisonjas aos seus destinatários: tanto o Bloco Batutas da Boa Vista, como o colunista Gettoni em buscar de alcançar o objetivo.

Então, pode-se notar que as mulheres passaram a aproveitar as oportunidades que o carnaval realizado pelos Blocos Mistos oferecia em relação a ocupação dos espaços da cidade, ainda que dentro dos padrões de moralidade.

Considerações sobre a presença das mulheres nas ruas da cidade na década 1920 e a participação nos Blocos Mistos

Os anos vinte eram considerados como os “tempos modernos”, momento onde as mulheres passam a ganhar mais espaço. Ainda que de forma um tanto restrita, há uma ampliação da circulação feminina nas ruas da cidade. É possível observar que as mulheres foram entrando cada vez mais nesse espaço que por tanto tempo lhes foram restringidos. Nos anos vinte, elas estavam nas calçadas praticando o *footing*, ou na rua, pilotando seus autos. Assim, seguiam para o cinema, teatro ou sorveteria, aproveitando a oportunidade para o *flirt*. Ou ainda, iam às lojas “Chics” para adquirir os produtos modernos: tecidos, maquiagens, aparelhos elétricos, e muitas outras novidades da época. E mais, conseguiram trabalho: no escritório como secretária, no hospital como enfermeiras ou nas escolas como professoras; e ainda tornaram-se estudantes em cursos superiores. Um mundo de oportunidades estava se abrindo para as mulheres dos diversos segmentos sociais do Recife nos anos vinte⁵.

Tudo, porém, dentro dos padrões de moralidade concebidos na época. Nas revistas e jornais do período analisado, é possível perceber indicações do que era permitido para as mulheres “de família”. Nesses periódicos havia um reforço da necessidade de uma “boa conduta” para as “moças de bem”, que eram representadas pelas “moças casadoiras”, obedientes, e recatadas. Ao mesmo tempo, esses periódicos incentivavam o consumo do que era novo e moderno como forma de se realizar os planos do progresso e da civilização, ou seja, as mulheres também precisavam ser modernas. Contudo, exigia-se cautela para não perder de vista as funções determinadas para as mulheres: a maternidade e a matrimônio.

No carnaval, com o Bloco Misto tem-se o ordenamento necessário para que essas mulheres de “boa conduta” participem do carnaval de rua desde que isoladas pelo cordão e sob os olhos vigilantes dos homens, para que não fossem confundidas com as consideradas “desavergonhadas” participantes de manifestações dos segmentos populares.

A tensão entre o moderno e o tradicional, entre o permitido e o pervertido se faz presente no Bloco Misto. Este aparece como uma opção moderna que põe as mulheres na rua,

⁵ Sobre as representações femininas e as relações de gênero no Recife da década de 1920, ver: BARROS, Natália Conceição Silva. **As mulheres na escrita dos homens**: representações de corpo e gênero na imprensa do Recife nos anos vinte. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco – Recife: 2007; BURITI, Iranilson. **Façamos a família à nossa imagem**: a construção de conceitos de família no Recife moderno (Décadas de 20 e 30). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco – Recife: 2002.

e ao mesmo tempo, para que isso seja possível, os valores e papéis tradicionais postos às mulheres devem ser mantidos.

Contudo, a participação das mulheres nos Blocos Mistos ultrapassa a função de representarem uma imagem positiva ao carnaval e da conservação de tradições, e também vão além de uma simples consequência de uma nova estrutura social ou cultural promovida pela modernidade. Não se pode determinar a participação das mulheres na festa apenas como elemento ordenador. Isso seria negar-lhes a capacidade de atuação, conferindo-lhes uma total passividade em seus atos.

Através de suas astúcias e inventividade, essas mulheres foram aos poucos conquistando seus espaços e construindo possibilidades de atuação dentro da festa carnavalesca. Mesmo com os olhos vigilantes dos homens e isoladas pelo cordão, souberam desvencilhar-se do bloqueio, fosse ocupando cargos na diretoria, fosse atuando nos corais, ou simplesmente, abrindo-se às oportunidades de comunicação e sociabilização e permitindo-se à troca de olhares, sorrisos, palavras, toques.

Referências

- ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. **A Construção da verdade autoritária**. São Paulo: Humanitas, 2001.
- Araújo, João Eduardo Farias de. **A Comédia dell'Arte no Lirismo do Carnaval de Pernambuco**. Recife: Baraúna, 2005.
- BEZERRA, Amílcar Almeida; SILVA, Lucas Victor. **Evoluções: histórias de bloco e de saudade**. Recife: Bagaço, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 16 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.
- DUARTE, Ruy. **História Social do Frevo**. Rio de Janeiro: Ed. Leituras, 1968.
- HEERS, Jacques. **Festa dos loucos e Carnavais**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.
- OLIVEIRA, Valdemar. **Frevo, capoeira e passo**. Recife: Cepe, 1971.
- SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre: v.20, n.2, 1995.
- SILVA, Leonardo Antônio Dantas. **Blocos Carnavalescos do Recife: origens e repertório**. Recife: Governo do Estado de Pernambuco; Secretaria do Trabalho e Ação Social; Fundação de Amparo ao Trabalhador – FAT, 1998.
- _____. **Carnaval do Recife**. Recife: Prefeitura da cidade do Recife; Fundação de Cultura da cidade do Recife, 2000.
- VILA NOVA, Júlio César Fernandes. **Panorama do Folião: Cultura e persuasão no discurso do frevo-de-bloco**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco – Recife: 2006.